



PASSADO, LETRA VIVA

FREITAS DO AMARAL

O dr. Freitas do Amaral respondeu ao País com a tranquilidade de quem julga o passado esquecido e equaciona em futuro. Para isso sorriu benignamente ao fantasma de Marcelo Caetano sempre que lho traziam a propósito e amparou-se a umas tantas falácias históricas quando as contradições da doutrina o perturbaram. Confundiu alegremente descolonização com autodeterminação, política fascista de guerra com rebelião do M.F.A., neocapitalismo com sociedade sem classes, países tradicionalmente desenvolvidos com países de recursos limitados. etc.

E tudo isto porque — habilmente, seja dito — soube esgueirar-se ao passado, ou seja, àquilo que desde o início do encontro os entrevistadores lhe quiseram pôr em causa para devido entendimento do fenómeno C.D.S. É que não há partido, doutrina ou filosofia que não tenha passado para se lhe perceber o futuro.

Mas no caso do dr. Freitas do Amaral parece que não — e será essa uma das originalidades do C.D.S. Para ele, o que lá vai, lá foi, e pensemos no agora e no mais adiante, quando todos formos proprietários...

Este apagar dos **curricula** inconvenientes já tinha sido proclamado pressurosamente, logo após o 25 de Abril, por outro C.D.S. de voz serena, o general Galvão de Melo. Veio agora por causa da memória de uma figura do mesmo partido, que durante o fascismo tinha cantado o colonialismo pela pauta caetanista... Mais uma vez, o jogo repete-se, embora com trunfos diferentes. Confunde-se tolerância com oportunismo, baralha-se e serve-se frio.

Para que o «**bluff**» C.D.S. resultasse melhor, o dr. Freitas do Amaral invocou, em grande efeito o **tenente Judas** que, no mesmo écran e noutro programa, produzira pouco antes algumas considerações sobre o saneamento. Considerações apressadas e praticistas, a nosso ver, e que justificam um reparo pelas ilações insidiosas que podiam provocar. Como provocaram.

Che Guevara afirmou que o comunismo «antes de ser um método do desenvolvimento económico constituía uma moral, uma moral internacional»; o tenente Judas quis acentuar outra tónica, a da prática imediata da produção e, com isso, correu o risco das recuperações de circunstância. Mas há que distinguir: as palavras têm o sinal de quem as profere. Vindo de um homem do Conselho da Revolução, o argumento tem um sentido e justifica a crítica que sugere mas não a analogia nem a intenção que lhe imputou, para uso próprio, o dr. Freitas do Amaral, homem da **intelligentzia** fascista.

É que se o dr. Freitas do Amaral está tão empenhado como disse e redisse, em eliminar o factor «passado» da discussão dele e do seu partido: se, com um sorriso complacente, afasta para longe a memória de Marcelo Caetano, sempre que lho querem lembrar — se assim é, por que razão **pediu** o dr. Freitas do Amaral, por escrito e **já depois do 25 de Abril**, o regresso a Portugal de Marcelo Caetano?

A pensar no futuro do C.D.S.?